



## EDUARDO ALMEIDA REIS

eduardo.reis@oi.com.br

### Palacianismo explícito

Todo mundo que já mexeu com vaca de leite, neste país grande e bobo, estudou a diferença entre aclimação e naturalização. Quando se leva uma vaca de sua região de origem para outro ambiente, podem ocorrer as mais variadas situações, desde a adaptação da mãe, com a descendência modificada no processo, até a adaptação perfeita, chamada naturalização, quando ocorre melhoramento nas qualidades produtivas. Há gados que se adaptam com a perda de suas qualidades produtivas, como também há casos de adaptação individual, não da raça como um todo. Há também os casos, muito comuns, de falência racial: morre tudo. É uma tristeza.

No meado do século passado, uma fábrica alemã de canetas montou filial em Nova Iguaçu, às margens da Via Dutra. Técnicos e gerentes vieram de Wuppertal, onde faz um frio dos diabos, diretamente para o calor da Baixada Fluminense. Resultado: levaram seus colchões do alojamento para a fábrica refrigerada, compraram geladeira de oito portas para entupir de cervejas e não botavam seus narizes fora da linha de produção, nem nos feriados.

Quando existe aclimação direta, com melhoramento sensível das qualidades produtivas, o professor Octávio Domingues ensina que se trata de um caso de naturalização. Pois muito bem: tudo indica que, depois de 10 anos residindo na capital de todos os mineiros, começo a viver um caso de naturalização. Sim, porque os bípedes estão sujeitos às mesmas leis que regem o aclimação dos mamíferos quadrúpedes listados como animais domésticos.

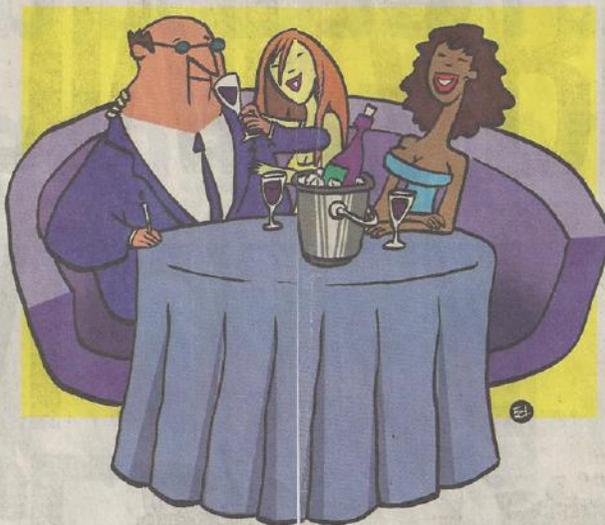
O que me faz concluir que estou em franco processo de naturalização, depois de tanto tempo, foi o fato de aceitar convite para assistir a uma solenidade no Palácio da Liberdade. Até então, em BH e noutras cidades onde mo-

rei, sempre mantive distância prudente e respeitosa dos palácios, por entender que não eram e nunca foram minha praia.

Quando escrevi um romancinho — modestia à parte da melhor supinçidade — que tem como cenário os bastidores do Palácio da Liberdade, consegui que uma amiga me levasse ao local, tarde da noite, depois de terminado o expediente de trabalho, para conhecer as salas e salões onde circulariam os meus personagens. Creio desnecessário dizer que a cicerone trabalhava no local, onde tinha trânsito livre a qualquer hora do dia ou da noite. Era, portanto, naturalizada belo-horizontina, mesmo tendo nascido em Coromandel. O resto foi pura ficção.

Tempos atrás, estive nos jardins palacianos pela posse de Eleonora Santa Rosa como

“ Tudo indica que, depois de 10 anos residindo na capital de todos os mineiros, começo a viver um caso de naturalização ”



secretária de Cultura. Não fui à posse da secretária, mas de uma amiga que muito admiro, e não é de hoje. Eleonora é um dinamo de 1,57m sob a forma de gente. Ao contrário do que normalmente ocorre no serviço público, a secretária de Cultura não ameaça, não reúne, não discursa, não promete, não discute, faz. Sempre foi assim, desde quando trabalhava na Fundação João Pinheiro. Revela notar que nada pedi, nada peço e nada quero da secretária de Cultura do Estado de Minas Gerais, a não ser a honra de continuar seu amigo e admirador.

Onde e quando, então, me convenci de que estou ficando palaciano, ou belo-horizontino em processo adiantado de naturalização? Foi no mês passado, nos jardins do mesmíssimo

Palácio da Liberdade, de terno e gravata, ao sol generoso de um dia de inverno.

A chegada, convite em punho, dirigi-me à mesa onde havia três moças do cerimonial: “O senhor é prefeito?”, perguntou a primeira. Expliquei-lhe que, se fosse prefeito, não estaria nos jardins palacianos às 11h: estaria saindo de uma boate, cujo nome não escrevo para não botar azeite na empada de Regininha, dona do estabelecimento noturno.

O norte magnético dos alcaides mineiros é a famosa boate. Não digo todos, que somam 853, mas bons 700 senhores prefeitos. Saem de suas casas dizendo que vão tratar dos interesses municipais junto ao governo estadual. Em BH, mergulham na boate. Voltam exaustos para seus municípios, com o sentimento do dever cumprido. Todos estão fartos de saber que os problemas municipais são insolúveis, como também sabem que uma noite de amor sincero pode ser obtida por R\$ 300, talvez um pouco menos.

A partir da explicação dada à moça do cerimonial, compenetrei-me do meu palacianismo quando fiquei em posição de sentido, juntando os calcanhares, ao encontrar meu amigo Igor Tameirão, mineiro de Diamantina, então diretor do Iepha, hoje estudando em Paris, o que sempre é melhor do que fazer o mestrado em administração pública na universidade de Milho Verde. Em posição de sentido, mas com a mão direita sobre o coração, parecendo certos patricios durante o Hino Nacional, fiquei à passagem de dois secretários de Estado. Danilo de Castro, amigo de longa data, quando me viu com a mão no coração, ficou preocupado: “Você está passando mal?”

Disse-lhe que nunca me senti tão bem, mas estava tendo um acesso típico de palacianidade, prova provada que a naturalização belo-horizontina é definitiva. A partir de agora, as meninas do cerimonial estão mais que avisadas: tendo solenidade, é comigo mesmo!

• Eduardo Almeida Reis não é locutor noticiário em Areado, nem vendedor de bijuteria em Bom Jesus do Galho.